

## DELFIN AMORIM AVANT-BRÉSIL

**AFONSO, ALCILIA**

*Doutora em projetos arquitetônicos pela ETSAB UPC, Professora Adjunta do curso de Arquitetura e urbanismo da UFCG  
kakiafonso@hotmail.com*

**CORREIA, GRAÇA**

*Professora Auxiliar Convidada, Faculdade de Arquitectura da Univerisidade do Porto (FAUP)  
mragazzi@arq.up.pt*

**MATIAS, RUI**

*Mestrando, Faculdade de Arquitectura da Univerisidade do Porto (FAUP)  
up201705634@edu.arq.up.pt*

### RESUMO

A propósito de uma Dissertação de Mestrado, a ser realizada na FAUP, refletimos sobre a obra e o percurso do arquiteto Delfim Amorim antes de ter emigrado para Pernambuco, no Brasil, em 1951. Dada a sua decisão de sair de Portugal, a sua obra construída e projetada tem sido alvo de esquecimento, assim como a sua ação enquanto arquiteto ativo e militante na defesa dos valores modernos no Portugal fascista da década de 1940. A sua obra *portuguesa*, compreendida entre 1944 e 1951, encontra-se em mau estado de conservação, está dispersa e pouco estudada, pelo que se pretende com este trabalho – através de uma leitura cronológica e sintética dos exemplares contruídos, não-contruídos e demolidos – fazer a sua contextualização, cruzando-a com os seus escritos teóricos e com o seu projeto académico do CODA, talvez a sua produção mais identitária e reveladora da sua posição face ao que significa ser moderno.

**PALAVRAS-CHAVE:** património arquitetónico; arquitetura moderna; análise de projeto; Delfim Amorim; Portugal.

### ABSTRACT

The work and career of the architect Delfim Amorim before he emigrated to Brazil in 1951 is the subject of a master's Thesis that is being developed at FAUP, Oporto. Given his decision to move from Portugal, his built and projected works are being forgotten, as has his activity as a militant architect when it came to fight for the modernist values in 1940's fascist Portugal. Amorim's activity between 1944 and 1951 is currently in a bad state of conservation, besides being dispersed and not studied. This research pretends to contribute to its contextualization through a chronological and synthetic reading of the built, unbuilt and demolished examples, crossing them with his writings and with his CODA's academic project – perhaps his most identifiable and revealing production of his position regarding what it means to be modern.

**KEYWORDS:** architectonic heritage; modernism; project analysis; Delfim Amorim; Portugal.

### RESUMEN

El objetivo de una Disertación de Maestría, siendo desarrollada en la FAUP, reside en trabajar sobre la obra y trayectoria del arquitecto Delfim Amorim antes de emigrar a Pernambuco, Brasil, en 1951. Debido a su salida de Portugal, su obra construida y proyectada ha caído en el olvido, así como su actuación como arquitecto activo y militante en la defensa de los valores modernos en el Portugal fascista de la década de los 40. Su obra portuguesa, comprendida entre 1944 y 1951, se encuentra en mal estado de conservación, dispersa y mal estudiada, con la intención de este trabajo de su contextualización a través de una lectura cronológica y sintética de los ejemplares construidos, no construidos y demolidos, enlazándolo con sus escritos teóricos y su proyecto académico en CODA – quizás su producción más identitaria y reveladora de su posición respecto a lo que significa ser moderno.

**PALABRAS-CLAVE:** patrimonio arquitectónico; arquitectura moderna; análisis de diseño; Delfim Amorim; Portugal.

## INTRODUÇÃO

Tão importante como a prática da arquitetura é o estudo e a compreensão das obras e dos autores do passado. Os seus trabalhos, umas vezes mais reconhecidos pela crítica do que outras, são importantes na medida em que foram experiências que trilharam o caminho da disciplina e nos conduzem aos dias de hoje e à prática futura da nossa disciplina. Ao focar o estudo na obra de um autor conseguimos entender a sua contribuição e o seu papel entre os seus pares, podendo, por um lado, divulgar e contribuir para o estudo da História da Arquitetura em geral, e por outro lado, fixar e refletir sobre o trabalho de um autor enquanto arquiteto, em particular.

A escolha de Delfim Amorim e da sua obra *portuguesa* como tema de foco na elaboração de uma Dissertação de Mestrado surgiu, principalmente, por uma afinidade geográfica entre o arquiteto e o *estudante-mestrando*, que partilham a mesma origem – a cidade da Póvoa de Varzim.

O interesse pelo nome e pela obra de Amorim foi iniciado pela leitura de um artigo publicado no número 47 da revista *Arquitectura* de 1953 (Figura 1). O texto, intitulado “Pequena Habitação em A-Ver-o-Mar, P. Varzim”, mostra desenhos e fotografias relativos à Casa Dimas, da autoria de Delfim Amorim e de Luís de Oliveira Martins, situada numa zona balnear bem familiar ao *aluno-mestrando*. Uma pesquisa mais longa acabou por revelar um vasto conjunto de obras projetadas por Delfim na cidade da Póvoa. Os seus edifícios, anónimos, abandonados e não referenciados na maioria dos casos, são parte do cenário que constitui a cidade, vistos e revistos por todos aqueles que nela habitam. A falta de reconhecimento (e até mesmo de conhecimento sobre eles) levou a que grande parte deles tenha sido demolido e que os poucos que sobrevivem estejam constantemente em risco de alterações insensíveis que descaracterizam a obra de arquitetura.

Figura 1: Revista *Arquitectura*, número 47. 1953 – capa e páginas do artigo “Pequena Habitação em A-Ver-o-Mar, P. Varzim”



Fonte: Fotomontagem de Matias. 2023.

Olhar para a obra produzida por Delfim Amorim no início da sua carreira – começando em 1943 quando acaba o curso na Escola de Belas Artes do Porto (EBAP); passando por 1947, quando apresenta o seu *Concurso para a Obtenção do Diploma de Arquitecto (CODA)*, no qual obtém 18 valores; e terminando a 25 de dezembro de 1951, data da sua chegada ao Brasil – é algo que nos parece absolutamente pertinente, senão mesmo, urgente fazer.

O panorama geral da sua obra foi já alvo de uma exposição comemorativa do centenário de nascimento do autor, em 2017, na sua cidade natal, a Póvoa de Varzim. A exposição “Delfim Amorim em Casa”, comissariada pelos arquitetos José Ribeiro e Luiz Amorim, resultou de um levantamento e localização de cerca de 50 obras licenciadas sobre a assinatura de Amorim, das quais foram selecionadas e expostas 15 obras juntamente com fotografias de época e material arquivístico relevante. Um ano mais tarde, em Coimbra, a exposição “Delfim Amorim: uma visita à sua obra” (curadores: Luiz Amorim, José António Bandeirinha, Carolina Coelho, Bruno Gil e Luís Miguel Correia) contou com os elementos expostos na Póvoa de Varzim aos quais foram acrescentados elementos relativos ao mobiliário e à azulejaria desenvolvidos pelo arquiteto.

É a partir dos materiais recolhidos e expostos nessas duas exposições que se baseia em parte a formulação da Dissertação.

O último trabalho académico desenvolvido por Amorim no contexto do CODA poderá ser, ainda, uma fonte importante para a compreensão e contextualização do posicionamento do arquiteto face à disciplina. O documento, formado por peças desenhadas e peças escritas, revela de forma bastante identitária uma atitude ambivalente, de rutura e de continuidade, de Delfim Amorim que poderá espelhar um período histórico extraordinário, de viragem, que caracteriza o contexto onde se virão a singularizar figuras de importância incontornável para a História da Arquitetura, como Fernando Távora ou Álvaro Siza, razão mais o que suficiente para justificar esta reflexão.

Entende-se, assim, que a Dissertação se deverá dividir nas seguintes partes:

1. Delfim Amorim e a década de 1940 em Portugal: contextualização do período de estudos e de ação de Amorim, da escola aos temas discutidos pelos arquitetos na prática (como a luta e a defesa pela arquitetura moderna e as suas possibilidades);
2. “A Minha Casa”: análise dos dois projetos do CODA de Delfim Amorim através da revisão dos documentos gráficos disponíveis. Sendo uma obra não-construída e desenvolvida para um contexto académico, cruzá-la com exemplos seus contemporâneos que possam de alguma forma ter influenciado Amorim. Ver, através dos edifícios projetados e construídos que reflexos é possível entender que o CODA teve na sua vida profissional. Cruzar os projetos mais identitários com as duas soluções do CODA. Ter em consideração os textos escritos do arquiteto, como sendo *documentos-chave* no entendimento do pensamento de Delfim Amorim e da sua visão para a arquitetura sua contemporânea;
3. Inventário da obra de Delfim Amorim produzida em Portugal: panorama geral da obra desenvolvida entre 1944 e 1951. Cartografia e cronologia ilustrada. Informar sobre o estado de conservação e localização de cada obra. Registo fotográfico sempre que assim seja possível.

Pretende-se com a Dissertação em curso, acima de tudo, expôr através da compilação de documentos gráficos de arquivo o conjunto de obras de Delfim Amorim em Portugal. Além das peças desenhadas, pretende-se ainda registar através da fotografia as obras do arquiteto que sobrevivem.

A visita à obra de arquitetura é crucial para o entendimento global do objeto e das verdadeiras intenções do autor. Os cerca de 70 anos que nos separam das suas obras são tidos em consideração nessas visitas, servindo como mais uma camada de leitura em cada obra. Ver como a arquitetura resiste e subsiste é também um exercício *per si*.

Desta forma cria-se um documento aglomerador da obra deste autor, focado nas suas obras seminais, que pode complementar os estudos e os volumes já publicados sobre a obra notável de Amorim no Brasil.

## O arquiteto

Delfim Fernandes Amorim [1917-1972] foi um arquiteto português naturalizado brasileiro que pertenceu à primeira geração de arquitetos modernos formados na EBAP (Figura 2). A sua obra construída mais significativa encontra-se no Brasil, no Recife, para onde emigrou em 1951.

Deixou, no entanto, em Portugal, um conjunto de obras desenvolvidas (parte a título individual, na sociedade formada por ele e pelo engenheiro Armando Ferreira Areias, e parte desenvolvida em parceria com o arquiteto Luís José

Oliveira Martins) num período de sete anos que espelha e é uma materialização não apenas do seu percurso pessoal enquanto arquiteto recém-formado, mas também de uma época.

Em dezembro de 1951, aos trinta e quatro anos, casado e com três filhos, decide ir para o Brasil, concretamente para o Recife, onde tinha familiares e amigos que o apoiaram nesse momento de mudança. Fruto dessa sua transição entre lados do Atlântico, Delfim Amorim é um nome que está na sombra do grupo dos primeiros modernos do Porto.

Figura 2: Delfim Amorim (em primeiro plano, no canto inferior esquerdo) com amigos, numa viagem à Serra do Gerês, Portugal, a 16 de julho de 1950.



Fonte: Espólio de Fernando Barbosa, Biblioteca Municipal Rocha Peixoto – Póvoa de Varzim

A sua obra *portuguesa*, localizada na Póvoa de Varzim, em Vila do Conde, no Porto e em Guimarães, carece de estudo e de atenção, existindo um conjunto de material inédito que vem sendo recolhido e resgatado.

Parte da sua obra foi demolida, encontra-se degradada, fortemente alterada ou em risco de desaparecer. É um património *não classificado* que, tal como acontece com trabalhos de outros autores seus contemporâneos, corre o risco de não ser entendido como deveria pela sociedade civil, estando à mercê do tempo e do esquecimento.

A relevância da contribuição de Amorim para a arquitetura portuguesa no período *pré-Inquérito à Arquitetura Popular* (1961) é visível não só no que projetou, mas também pela postura ativa e militante que teve na defesa da Arquitetura Moderna num Portugal fechado e tradicionalista.

Portugal, após a Segunda Guerra Mundial estava a passar por um processo de abertura política do regime que se adaptou às novas condições geopolíticas mundiais face à vitória dos Aliados permitindo uma manifestação de liberdade à cultura arquitetónica emergente, que se afirmava em oposição à ideologia da representação monumental e pseudo-tradicionista imposta pelo regime.

A emergência de uma cultura de oposição fortemente fomentada pelo movimento neorrealista, existente em quase toda a Europa, revelou uma consciência profissional de entendimento entre arquitetos e outros técnicos e artistas comprometidos com a defesa da sua atuação social e a democratização da cultura do país.

Amorim fez parte do grupo fundador da Organização dos Arquitetos Modernos – a ODAM (Figura 3) – e proferiu conferências em vários locais defendendo a atualização da disciplina, referindo-se à arquitetura moderna apenas

como “a arquitetura de hoje” (Amorim, 1951). Tem o seu pensamento alinhado com, por exemplo, Fernando Távora e as premissas que este lança no texto de 1947, “O problema da Casa Portuguesa”.

Figura 3: ODAM: Organização dos Arquitetos Modernos – Fotografia de grupo na inauguração da exposição no Ateneu Comercial do Porto, em 1951. Delfim Amorim identificado a vermelho.



Fonte: BARBOSA, Cassiano. ODAM: Organização dos Arquitectos Modernos: Porto: 1947-1952. Porto: Edições Asa. 1972. Página 127. Intervencionado por Matias. 2023

O arquiteto não deixou uma intensa produção teórica, mas as suas conceções sobre as relações entre arquitetura e sociedade (e a arquitetura moderna em particular) são expostas numa série de textos e conferências escritos nas décadas de 1950 e 1960, como escreveu Luiz Amorim (1989, p. 94), afirmando que “neles encontramos o sentido de sua obra, a definição de sua posição como arquiteto moderno e a compreensão de seu mundo que é transformado por forças científicas e politicamente estruturadas”.

## O CODA

O CODA – Concurso para a Obtenção do Diploma de Arquiteto – foi um procedimento académico realizado ininterruptamente entre 1911 e 1973 por todos os estudantes que, após a primeira fase de formação na Escola de Belas Artes do Porto, estavam sujeitos a um ciclo de dois anos de estudo técnico, acompanhados por um tutor correspondente a um arquiteto formado. No final desse período deveriam apresentar um trabalho que consistia, na maioria dos casos, num projeto de arquitetura.

O documento apresentado a júri continha, habitualmente, peças escritas – compostas por memória descritiva e justificativa do projeto, mapa de acabamentos, caderno de encargos, caracterização e orçamentos dos materiais e serviços – e peças desenhadas – desde a implantação até aos pormenores em escalas variáveis.

Esta componente formativa deu origem a um conjunto de projetos construídos que espelham os problemas disciplinares com os quais os arquitetos se debatiam ao longo dos 62 anos em que o CODA fez parte do programa académico no Porto.

O CODA apresentado por Delfim Amorim em maio de 1947 consiste no desenho de duas soluções alternativas para uma habitação unifamiliar destinadas ao mesmo lote. As duas, sendo iguais nas premissas programáticas e no compromisso de serem obras de arquitetura moderna, diferem nos meios técnicos e construtivos com que Amorim as

idealizou, como um prenúncio da consciência que este tinha da necessidade de evoluir, continuando e consolidado a vanguarda moderna que, naturalmente, abriu um caminho que teria que encontrar diferentes traçados nas diferentes geografias e tradições de cada país, bem como, nas singulares abordagens de cada autor.

Na primeira versão, por ele chamada de solução A (Figura 4), utiliza única e exclusivamente técnicas e sistemas construtivos vernaculares, como a utilização de paredes de alvenaria e de cobertura inclinada formada por asnas de madeira, resultando uma solução térrea, vinculada ao terreno, aproveitando acidentes geológicos e criando muros que se estendem pelo lote desenhando uma nova topografia para implantar a casa.

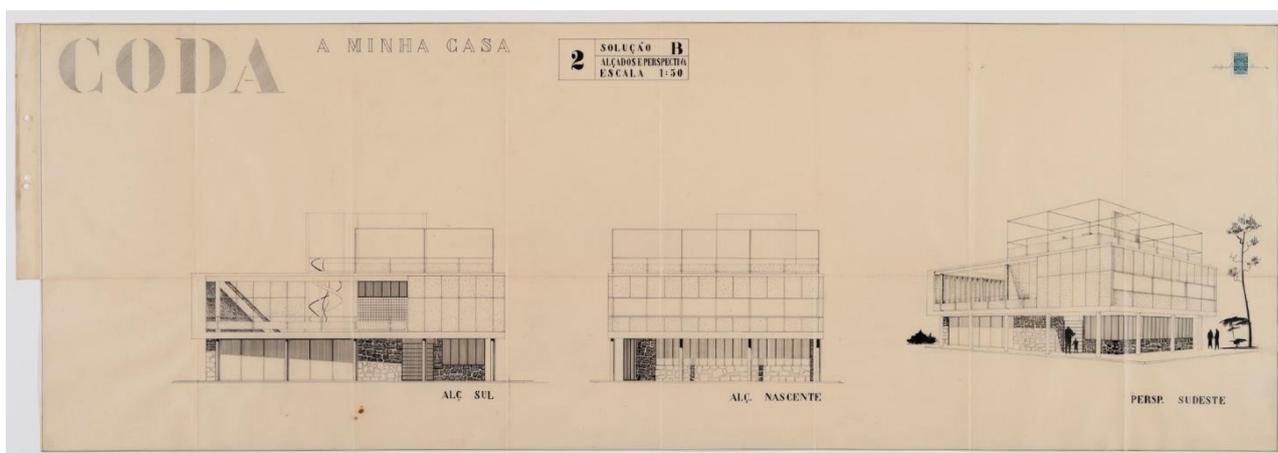
Figura 4: Delfim Amorim, *A Minha Casa* – 1947. Solução A, folha 13. s/ escala



Fonte: Centro de Documentação da FAUP – Porto

Na solução B (Figura 5), Delfim afirma-se categoricamente Moderno e *corbusiano*, explorando as técnicas construtivas propostas pela vanguarda, seguindo as orientações da Carta de Atenas (1933). Esta solução apresenta-se como um “objeto-tipo”, orientada de nascente para poente. Propõe um volume puro, sobre *pilotis*, com *fenêtre-en-longueur*, cobertura plana e terraços-jardim.

Figura 5: Delfim Amorim, *A Minha Casa* – 1947. Solução B, folha 2. s/ escala



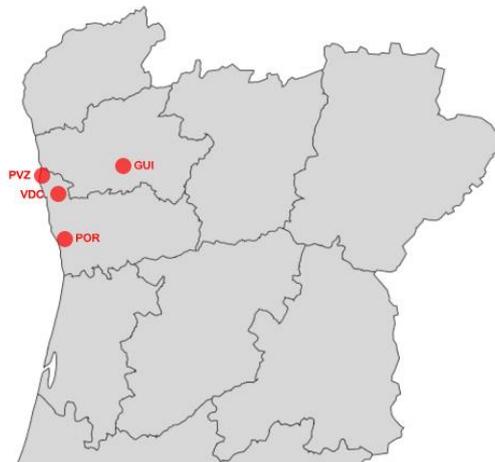
Fonte: Centro de Documentação da FAUP – Porto

As duas soluções são vistas por ele como igualmente modernas e alinhadas com o espírito do seu tempo.

## As obras em Portugal

Quando analisamos o conjunto de obras projetadas antes da sua ida para o Brasil, nas diversas cidades localizadas no norte de Portugal (Figura 6), é possível identificar com clareza o domínio e a facilidade com que Delfim Amorim transitava entre duas formas de *fazer arquitetura* (Figura 7).

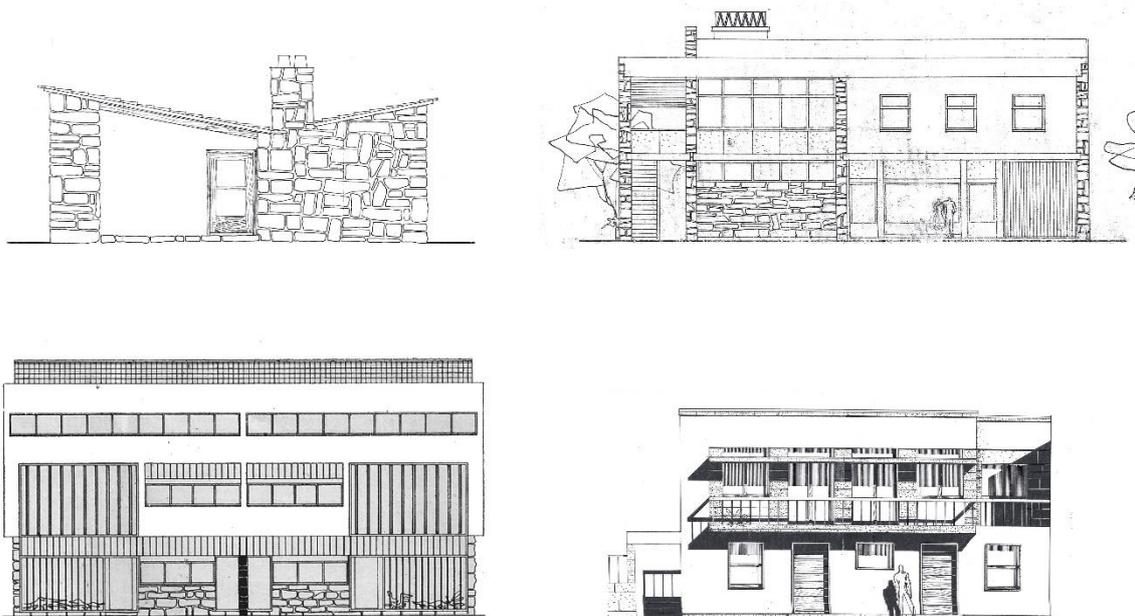
Figura 6: Localização das obras de Delfim Amorim na região norte de Portugal: Póvoa de Varzim (PVZ), Vila do Conde (VDC), Porto (POR) e Guimarães (GUI). s/ escala.



Fonte: Fotomontagem de Matias. 2023

O conjunto de obras é na sua totalidade composto por encomendas privadas, nas quais a habitação unifamiliar e multifamiliar de pequena e média escala estão mais presentes, havendo também programas mais variados, como montras de estabelecimentos, equipamentos de serviços e fábricas. Denota-se em todas elas uma exploração contínua de soluções, amadurecimento da expressão formal, e temas que Amorim propositadamente repete.

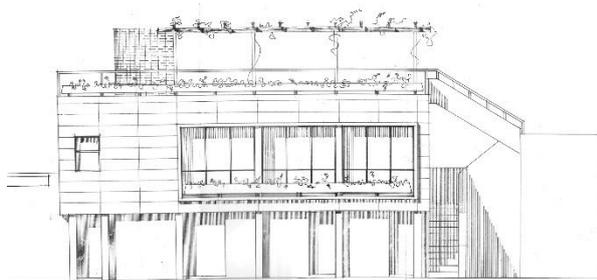
Figura 7: Alguns exemplos de obras de Amorim em Portugal: Casa Patrocínio Gomes Casanova – 1947. Alçado lateral; Casa Vicente Manuel Vieira – 1949. Alçado principal; Moradias Geminadas – 1947. Alçado tardoz; Casa Adelino Pontes – 1947. Alçado principal. s/ escala



Fonte: Fotomontagem de Matias a partir de elementos de arquivo. 2023.

O seu projeto para um salão de chá (Figura 8a), de 1945, é revelador da procura de uma linguagem moderna associada a um volume puro, elevado do solo, com um grande vão horizontal, um solário na cobertura, servido de uma pérgola e de uma parede curva para criar um espaço mais íntimo e confortável. Ao mesmo tempo, projeta a Casa Manuel dos Santos (Figura 8b) num contexto agrícola onde a espacialidade interior retira proveito de espaços fluidos e comunicantes entre si, através de um pé-direito duplo que aproveita a inclinação do telhado. O seu aspeto exterior é caracterizado pelo contraste entre as paredes rebocadas e elementos em alvenaria de pedra, assim como por um largo alpendre na zona de entrada da habitação.

Figuras 8a e 8 b: Salão de Chá A Aliança – 1945. Alçado Principal. s/ escala; Casa Manuel dos Santos – 1946. Fotografia



Fonte: Fotomontagem de Matias a partir de elementos de arquivo. 2023

Em 1947 é licenciado o projeto para um edifício de habitação multifamiliar – o Edifício Josué Silva (Figura 9a) – em frente ao mar na Póvoa de Varzim. O seu alçado principal é marcado pela composição geométrica que enquadra os vãos e pelas lâminas em betão que criam um espaço em sombra na varanda, filtrando a luz do sol poente. Na cobertura, um solário privativo e uma parede curva servem de remate para o edifício. Do mesmo ano é ainda o projeto para a Casa Dr. Alberto Moreira (Figura 9b), no centro da cidade. O volume paralelepípedo rebocado, correspondente à zona privada da habitação, está sobre um embasamento em alvenaria de pedra que resolve a relação com o terreno que conta com uma variação de cotas considerável. O telhado, bastante expressivo, surge nesta obra como obrigação imposta pela Câmara.

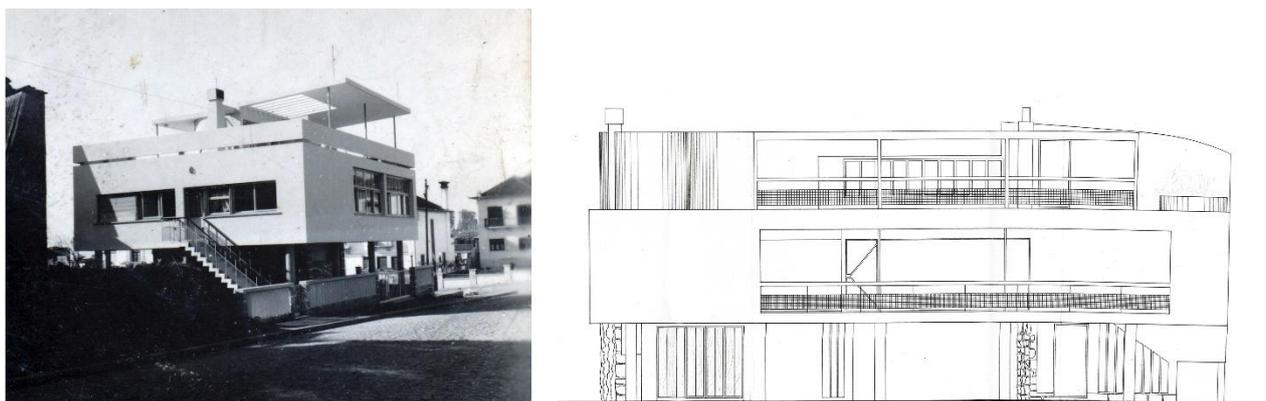
Figuras 9a e 9b: Edifício Josué Silva – 1947. Fotografia; Casa Dr. Alberto Moreira – 1947. Fotografia



Fonte: Fotomontagem de Matias a partir de elementos de arquivo. 2023.

Dois projetos para duas casas unifamiliares, a Casa António Rocha (Figura 10a), em Guimarães (construída), e a Casa Nelson Quintas (Figura 10b), na Póvoa de Varzim (não construída), são, claramente, herdeiras da experiência que observa na Villa Savoye de Le Corbusier e consequencialmente da Casa da solução B do seu próprio projeto do CODA e ambas cumprem escrupulosamente os cinco pontos da arquitetura moderna e são, talvez, os exemplos mais assumidamente modernos realizados por Delfim Amorim antes da sua ida para o Recife, onde perseguirá este caminho, como que confirmando um na ambivalência das duas propostas apresentadas para o CODA.

Figura 10a e 10b: Casa António Rocha – 1948. Fotografia; Casa Nelson Quintas – 1948. Alçado principal. s/ escala



Fonte: Fotomontagem de Matias a partir de elementos de arquivo. 2023.

As razões desta confirmação poderão ser uma possível conclusão que se ambiciona na Dissertação de Mestrado. Não sendo definitivas, porque tal não se impõe num trabalho como este, constituirão, seguramente, um contributo para tal.

## CONCLUSÃO

É normalmente muito adiante que se compreende o que ficou para trás, uma vez que a história não é, de todo, estática e são sem dúvida as diferentes gerações que atualizam a sua narrativa, definindo-se cada uma por um mapa de referências, investigações, cruzamentos e descobertas que permitem, lentamente, nortear a sua escrita. Esta, sabemos, terá avanços e recuos através da seleção em que operam as *constelações culturais* que a rodeiam, cristalizando-se momentos muitas vezes decorrentes das *apertadas agendas* dos críticos.

E a crítica deriva quase exclusivamente de autores que não encontram o seu espaço nas questões disciplinares específicas - centradas no desenho, na composição e na construção - pois não necessitam destas para operar, já que não produzem arquitectura.

A descoberta da obra *portuguesa* de Delfim Amorim e consequentes estudos e articulações com a sua produção *brasileira* permitirá uma rigorosa análise da sua produção arquitetónica e o encontro com um período de tempo em que se formulou uma matriz de renovação determinante para a memória actual da nossa actividade projetual: os anos 1950 na Arquitetura Portuguesa.

A recorrente descoberta com que atualmente nos deparamos com a obra de esquecidos e/ou desconhecidos arquitetos que nos anos 50 do século XX tinham já um notável e coerente conjunto de obra construída, significa uma mudança no olhar crítico de hoje que permitirá, felizmente, indemnizações tardias, o que para além de compensar injustiças flagrantes a determinados autores, contribuirá – que é o mais importante - para a (re)construção de uma ideia mais lúcida da modernidade arquitetónica e, no limite, da dinâmica na História da Arquitetura.

Hélio Piñon esclarece, de modo pertinente, que os críticos e historiadores até há bem pouco tempo dedicaram todo o seu esforço no sentido de apresentar a modernidade arquitetónica como sendo a herdeira de W. Morris, das Arts and Crafts e das vanguardas artísticas, que deveria refletir ‘o espírito da máquina’ e, portanto, a revolução tecnológica, sendo que tudo isto era ainda mais facilmente explicável se exemplificado com a arquitetura de Mies van der Rohe e de Le Corbusier.

Esta leitura associava assim a qualidade da arquitetura à peculiaridade dos seus autores, mitificando-os, em lugar de procurar com a identificação das qualidades das suas obras a verdadeira essência do seu contributo. A ideia do gênio, relacionada com os seus atributos pessoais (atitudes sociais e o rumo da história) e não com a competência para o reconhecimento do valor da obra (como devia ser), associou-se a uma “*noção mística, quase religiosa, da arte, incompatível com a laicização e subjectivização essenciais na arte moderna*”<sup>1</sup>

As recentes investigações em Arquitetura centradas na obra destes autores que vão sendo descobertos podem propor uma leitura alternativa, substituindo a análise das condições de produção pela análise dos discursos originais daqueles que os influenciaram, e não o seu condicionamento pelas conquistas de uma nova época com o seu inventário da técnica e economia, mas identificando e privilegiando as *particulares relações* que o arquitecto podia agora estabelecer com eles.

Até porque, confiando nas palavras daqueles que realmente produziram arquitetura e sobre esta refletiram, surgem exemplarmente, as de Peter Behrens, que, em 1910, numa conferência amplamente publicada, contestava a *verdade construtiva* como base estética e responsabilizando por este erro (já naquela altura) uma “*orientação académica da nossa estética moderna*” que pretendia fazer “*derivar a forma artística do fim utilitário e da técnica*”, afirmando:

Da construção ou dos materiais (dizia ele) não surge nenhum estilo. Não existe nenhum estilo materialista e não existiu nunca. A unidade que tudo abarca, de uma época, parte de um complexo de condições muito mais amplo do que possam representar esses dois fatores por si sós. A técnica não pode ser entendida durante muito tempo como finalidade por si mesma, ganhando mais valor e significado quando reconhecida como meio mais importante de uma cultura.<sup>2</sup>

Uma vez que em Portugal não houve, de facto, evolução tecnológica foi mais fácil afirmar (para os críticos ou académicos) que não havia Arquitetura Moderna, mesmo que para isso fosse necessário ignorar as obras de Ruy d’Athouguia, João Andresen ou mesmo Fernando Távora, que dela tanto absorve para avançar, referindo-se mesmo a uma *Modernidade permanente*.<sup>3</sup>

A cada vez mais frequente redescoberta de arquitetos que, como Delfim Amorim, nos anos cinquenta atuavam desta forma, põe em evidencia a necessidade de *aggiornamento* da História da Arquitetura e leva obviamente à conclusão de que existe uma tendência a recuperar os valores e o modo de conceber a Arquitetura Moderna, mesmo que com vista à sua superação.

Podemos hoje em dia visitar a obra de Mario Asnago [1896–1981] e Claudio Vender [1904–1986] analisada por Adam Caruso (em “Asnago Vender and the Construction of Modern Milan: The Limits of Modernism – a Forgotten Generation of European Architects”), ou de Angelo Mangiarotti por Franz Graf (em “Angelo Mangiarotti: The tectonics of Assembly”) ou ainda, de Luigi Caccia Dominioni estudada e ainda não publicada por Elli Mosayebby (em “Luigi Caccia Dominioni und die Erneuerung der bürgerlichen Wohnkultur in Mailand um 1950”, ETH Zürich). E, sobretudo, fazer esta visita numa possível e total indefinição temporal – acreditando na sua inutilidade – já que pretendemos apenas, com essa tradução, entender o que é próprio ao *projeto*.

Se até agora o papel da divulgação de arquitetura tem sido delegado ao historiador - (pre)ocupado com a genealogia estilística, económica, política e social, justamente, já que a sua finalidade é situar com rigor no tempo a obra e o seu autor -, ou ao crítico - mais (pre)ocupado em julgar -, estas investigações recentes confiam que “*se julgarmos, já não compreendemos, porque julgar implica condenar ou absolver*”<sup>4</sup> que é o que estes têm feito ao subtrair certos autores à nossa História. Ao contrário, um estudo como este pretende ser uma ferramenta útil para ampliar o campo problemático do projeto e a oportunidade de alargar a potência e o alcance das obras e, simultaneamente, divulgando-as.

## REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

- AFONSO, Alcília. *Arquitetura do sol. Soluções climáticas produzidas em Recife nos anos 50*. Arqtextos, São Paulo, ano 13, n. 147.00, Vitruvius, ago. 2012  
<<https://www.vitruvius.com.br/revistas/read/arqtextos/13.147/4466>>.2012. Acesso em 17 de outubro de 2020.
- AFONSO, Alcília. *Delfim Amorim: de Portugal al Brasil. El proceso migratorio y la permanencia de criterios proyectuales residenciales modernos en la contemporaneidad*. Xalapa. Veracruz: Revista RUA. Nº25. Enero-junio 2021.
- AFONSO, Alcília. *La Consolidación de la arquitectura moderna en recife en los anos 50*. Barcelona: UPC, Departament de Projectes Arquitectònics. Tese de Doutoramento. 2006.
- AFONSO, Alcília. *Notas sobre métodos para a pesquisa arquitetônica patrimonial*. Revista Projetar - Projeto e Percepção do Ambiente, v. 4, n. 3, p. 54-70, dez. 2019
- AMORIM, Delfim. *A Arquitetura de Hoje. Delfim Amorim Arquiteto*. Recife: Instituto de Arquitetos do Brasil – Departamento de Pernambuco. 2ª edição. 1991. Página 21
- AMORIM, Luiz (et all). *Delfim Amorim Arquiteto*. Recife: Instituto de Arquitetos do Brasil – Departamento de Pernambuco. 2ª edição. 1991
- AMORIM, Luiz. *Delfim Amorim. Construtor de Uma Linguagem Síntese*. Revista de Arquitetura e Urbanismo. 24: 94-97. 1989.
- AMORIM, Luiz. *Modernismo recifense: uma escola de arquitetura, três paradigmas e alguns paradoxos*. Em rede <http://www.vitruvius.com.br/arqtextos/arq012/bases/03text.asp>. Acesso em 18 de fevereiro de 2004.
- AMORIM, Luiz. *Recife: uma escola regional?* Revista Arquitetura e Urbanismo. 94: 71-79.2001.
- BARBOSA, Cassiano. *ODAM: Organização dos Arquitectos Modernos: Porto: 1947-1952*. Porto: Edições Asa. 1972.
- FRAMPTON, Kenneth. *A critical history of Modern Architecture*. Londres: Thames & Hudson. 4ª edição. 2007.
- GOODWIN, Philip. *Brazil Builds: architecture new and old, 1652-1942*. Nova Iorque: The Museum of Modern Art. 1943.
- ROSA, Edite. *ODAM: valores modernos e a confrontação com a realidade produtiva*. Barcelona: UPC, Departament de Projectes Arquitectònics. Tese de Doutoramento. 2006.
- TOSTÕES, Ana. *Os Verdes Anos na Arquitectura Portuguesa dos Anos 50*. Porto: FAUP Publicações. 2ª edição. 1997.

## NOTAS

- 1 PINÓN, Hélio. Informe sobre la Propuesta de Tesis Doctoral de Graça Correia com título “Ruy Jervis d’Athoughuia) e Ana Rosa de Oliveira. Entrevista a Hélio Pinón em Porto Alegre, Brasil. 2001
- 2 BEHRENS, Peter. *Kunst und Technik*. 1910, citado por: NEUMEYER, Fritz. *Mies van der Rohe – La palabra sin artificio/reflexiones sobre arquitectura 1922/1968*. Madrid: Biblioteca de Arquitectura, El Croquis Editorial. 1995
- 3 RODRIGUES, José Miguel. *Lições de Arquitectura 02 Palladio e o Moderno*. Porto: Circo de Ideias. 2019. Página 89.
- 4 ANTUNES, António Lobo. *Escrito na Pedra*. Jornal Público. 2017